

## História oral, fontes orais e pesquisa histórica no Oeste de Santa Catarina

*André Luiz Onghero\**  
*Patrícia Heffel\*\**

O artigo aqui apresentado foi elaborado a partir das reflexões e discussões levantadas durante a Oficina de História Oral, ministrada pelos autores, no Seminário Cultura, Memória e Patrimônio do Oeste Catarinense, realizado pelo CEOM (Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina) com apoio do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Na referida oficina, os autores procuraram partir da sua experiência de pesquisa no programa Patrimônio, Escola, Comunidade (PEC), do CEOM. Criado em 1999, o Programa PEC consolidou-se como uma das linhas programáticas do CEOM mais atuantes junto à comunidade regional, especialmente no que diz respeito ao seu caráter promotor da preservação e da valorização do Patrimônio Cultural. O programa é desenvolvido por meio da articulação das ações com a comunidade a partir da exploração do potencial educativo desse patrimônio e tem contribuído de forma significativa com os processos de levantamento e organização de documentos para a elaboração de histórias locais, que são publicadas e tornam-se importantes referenciais para utilização em salas de aula.

Até o momento o programa PEC desenvolveu projetos nos municípios de Quilombo, Águas de Chapecó, Nova Itaberaba, São Carlos, Distrito de Colônia Bacia (Chapecó), Cordilheira Alta, Palmitos e Caxambu do Sul, bem como realizou dois projetos maiores: “Fios entre memórias”, nos municípios próximos a Lagoa Vermelha/RS, que seriam atingidos pela Linha de Transmissão 230 KV, Campos Novos/SC – Santa Marta/RS, e o “Inventário da Cultura Imaterial dos Luso-brasileiros do Oeste de Santa Catarina”. Nestas pesquisas, a história oral tem sido a principal metodologia empregada.

A importância da história oral para a história da região oeste de Santa Catarina é muito grande, sendo uma região colonizada a partir das primeiras décadas do século XX ainda é possível entrevistar pessoas que viveram este processo. Estas pessoas, com idade avançada, fornecem nos relatos de suas experiências informações não contempladas pelos documentos escritos ou iconográficos. A partir dos depoimentos destas pessoas é possível escrever uma história muito mais rica do que poderia ser feito utilizando apenas os registros escritos ou iconográficos, até mesmo porque muitas dessas pessoas não têm o hábito de escrever sobre suas experiências, ou são analfabetos. Quanto aos registros fotográficos, também eram raros e limitados a eventos sociais como casamentos, festas ou retratos familiares. A presença do fotógrafo era algo que não fazia parte do cotidiano e no momento do retrato, frente à câmera, as pessoas assumiam uma postura diferente da que costumavam ter.

Por outro lado, quando um idoso mostra uma fotografia antiga, costuma contar sobre o acontecimento retratado, sobre as pessoas que aparecem, sua relação com elas, se eram parentes, amigos, onde moravam, com o que trabalhavam e outras histórias. Menos comum é a existência de anotações no verso das fotografias, como data, local, nome dos retratados. Assim, em nosso trabalho como pesquisadores percebemos que, mesmo quando buscamos fotografias como fontes, é o relato oral que fornece importantes informações.

As entrevistas são as principais fontes sobre as práticas culturais, cotidianas e religiosas. A oralidade também traz os elementos étnicos presentes na região. Os descendentes de caboclos têm uma forma de narrar diferente dos descendentes de italianos ou alemães, assim como dos índios. Também os assuntos onde sua narrativa se estende são diferentes, pois, enquanto um descendente de caboclos fornece um extenso relato sobre uma visagem ou uma caçada, um descendente de italianos costuma ter relatos mais detalhados sobre o trabalho na lavoura e práticas religiosas católicas.

Diante da importância em registrar a oralidade dos moradores antigos, grande parte das pesquisas históricas desenvolvi-

das na região tem optado pela realização de entrevistas. Tal tarefa tem exigido dos pesquisadores a busca por aprimoramento teórico e técnico, pois o trabalho de realização, transcrição e análise de entrevistas possui uma série de especificidades.

Autores que produziram reflexões teóricas sobre a história oral apresentam diferentes abordagens sobre o tema e afirmam que existem diferentes formas de entender a história oral. Conforme Meihy e Holanda (2007), a história oral é utilizada e pensada como ferramenta, técnica, método, forma de saber e disciplina.

De acordo com a abordagem dos autores, quando a história oral é utilizada como “ferramenta”, as entrevistas equiparam-se a outros suportes, escritos, estatísticos ou iconográficos, e são utilizadas para exemplificar casos ou reforçar argumentos já documentados. Aqueles que veem a história oral como uma “técnica”, realizam a pesquisa histórica através do diálogo entre as diversas fontes. Neste caso, as fontes orais não seriam apenas exemplos, pressupondo também como necessária a existência de outros tipos de fontes. Enquanto “método”, a história oral é compreendida como um procedimento organizado e rígido de investigação, capaz de garantir a obtenção de resultados válidos para propostas desenhadas desde a formulação de um projeto. Assim, as entrevistas constituem a parte central da pesquisa e é a partir delas que ocorre o diálogo com outras fontes. Mas existem casos em que as entrevistas não estão vinculadas a um projeto ou pesquisa específica, e são realizadas como um recurso para o conhecimento da experiência alheia e reconhecimento das vivências humanas. Nesta perspectiva, identificada pelos autores como “forma de saber”, existe a preocupação em preservar a memória, antes que se perca por alguma mudança ou falecimento de idosos. A perspectiva de que a história oral constitui uma “disciplina” fundamenta-se na ideia de que ela produziu novas técnicas, procedimentos metodológicos e conceitos próprios. A História Oral seria então outra história, cuja temporalidade seria o tempo presente, que estaria se contrapondo à História produzida até então e seria capaz de dar voz aos silenciados e provocar mudan-

ças sociais. Esta perspectiva, que está relacionada aos movimentos sociais e militância política, defende que a História Oral tem uma função social, é capaz de criar uma consciência de classe e formular argumentos políticos.

Em relação a estas diferentes perspectivas, as pesquisas realizadas pelo CEOM têm feito uso da história oral enquanto método, considerando, desde os projetos de pesquisa, a realização de entrevistas, transcrição e análise dos depoimentos, como parte central das pesquisas, partindo delas para o diálogo com outras fontes. Além disso, consideramos que o método de busca por conhecimento através de entrevistas não é exclusivo da História, mas é utilizado por outras ciências. A preocupação em preservar as memórias também está presente nos procedimentos e o CEOM tem arquivado as entrevistas produzidas nas pesquisas e também entrevistas doadas por outros pesquisadores da região, com os termos de autorização para que o material possa ser consultado por outros pesquisadores.

Outros autores definem diferenciações ou variações sobre as formas como a história oral é empregada, distintas das formas citadas acima, mas verificamos que, de maneira mais ampla, consideram a existência de uma documentação oral mais ampla, formada por qualquer material que apresente vestígios da oralidade humana, que incluiria também músicas, reportagens, filmes e outros e de uma documentação oral produzida pelo pesquisador, no momento em que realiza a entrevista. Esta última é especial, pois é provocada, ou seja, produzida intencionalmente e pressupondo a participação do pesquisador na construção de uma fonte, denominada fonte oral.

As fontes orais possuem características que as diferenciam de outras fontes. Segundo Portelli (1997a):

A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos sobre eventos conhecidos: elas sempre

lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas. (PORTELLI, 1997a, p.31)

As fontes orais seriam capazes de trazer à tona a subjetividade dos depoentes, fornecendo um elemento único e precioso para a pesquisa histórica.

Mas o único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, e que nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor. Se a aproximação para a busca é suficientemente ampla e articulada, uma secção contrária da subjetividade de um grupo ou classe pode emergir. Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. (PORTELLI, 1997a, p.31)

Um dos aspectos mais interessantes do uso das fontes orais é que não apenas se chega a um conhecimento dos fatos mas também à forma como o grupo os vivenciou e percebeu. É de importância capital resgatar a subjetividade mas é um grave erro passar a confundí-la com os fatos objetivos. (GARRIDO, 1993, p.39)

Assim como no uso de fontes de outra natureza, o trabalho do historiador deve ter os mesmos cuidados em relação às fontes orais. Mas este profissional também deve estar atento a outras peculiaridades que este tipo de fonte apresenta e que lhe trazem grande potencialidade.

Fontes orais são aceitáveis mas com uma credibilidade diferente. A importância do testemunho oral pode se situar não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir. Por isso, não há 'falsas' fontes orais. Uma vez que tenhamos chegado sua credibilidade factual com todos os critérios estabelecidos do criticismo filológico e verificação factual, que são requeridos por todos os tipos de fontes em qualquer circunstância, a diversidade da história oral consiste no fato de que afirmativas 'erradas' são ainda psicologicamente 'corretas', e que esta verdade pode ser igualmente tão importante quanto registros factuais confiáveis. (PORTELLI, 1997a, p.32)

As fontes orais nos contam sobre a memória dos entrevistados, memória que é seletiva e constantemente reelaborada. A rememoração parte sempre do presente. Os depoimentos orais em geral são constituídos a partir das memórias e não de outros textos, portanto, torna-se necessário abordar algumas das principais questões relativas à memória. Para Portelli, a memória não é “[...] apenas um depósito passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações” (PORTELLI, 1997a, p.33).

Como todo trabalho que envolve seres humanos, o desenvolvimento de pesquisas que utilizam a História Oral pressupõe a observância de uma série de técnicas e cuidados legais que incluem desde a elaboração de um bom projeto e sua submissão a um conselho de ética à realização das entrevistas, seu processamento e a definição de suas formas de utilização de acordo com os critérios estabelecidos no projeto e no trato com os entrevistados.

Como o uso da História Oral tem se tornado cada vez mais corriqueiro na região oeste de Santa Catarina, tanto por graduandos das faculdades e universidades que atuam neste espaço quanto por profissionais ligados a museus e departamentos culturais dos municípios, a referida Oficina de História Oral, visou atender a uma demanda carente de informações sobre técnicas adequadas e de informações sobre as implicações legais deste trabalho.

Para situar os participantes da oficina acerca do tema apresentado foram expostos alguns pontos da trajetória da História Oral, desde seu surgimento em 1950 até a atualidade, discutindo os usos que dela foram feitos e como ela tem sido pensada por quem a pratica especialmente nas experiências desenvolvidas pelos pesquisadores do CEOM. Conforme Ferreira (1998), a História Oral.

[...] desenvolveu-se de forma significativa nos países da Europa Ocidental e nos Estados Unidos [...] enraizou-se, nesses países, não apenas no meio acadêmico, mas principalmente no seio dos movimentos sociais. Seu compromisso inicial, como já se assinalou tantas vezes, foi o de ‘dar voz aos excluídos e marginalizados’. (FERREIRA, 1998, p. 19)

No Brasil as primeiras experiências da história oral foram desenvolvidas a partir de cursos fornecidos, em 1975, pela Fundação Ford e ministrados pela Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro. O objetivo desses cursos era difundir o uso da história oral para que esta fosse implantada em instituições de ensino superior e de pesquisa como forma de privilegiar a “investigação de temas de interesse local” (FERREIRA, 1998, p. 20).

Após a abertura política, na década de 1980, muitos programas de História Oral foram criados e muitos pesquisadores que desenvolviam dissertações de mestrado e teses de doutorado se vale-ram dela para elaborá-las, contribuindo para construir acervos importantes, embora muitos, como afirma Ferreira (1998) “[...] não passaram de um amontoado de fitas guardadas de forma desorganizada num depósito qualquer, sem um projeto de pesquisa que lhes servisse de espinha dorsal”.

Ainda nos últimos anos da década de 1980 a História Oral no Brasil ainda não figurava nos cursos de graduação como um recurso a ser utilizado nas pesquisas e pouco aparecia em seminários e simpósios, devido a uma perspectiva histórica estruturalista que não considerava as fontes orais confiáveis, alegava-se, segundo Ferreira, “que os depoimentos pessoais não podiam ser considerados representativos de uma época ou de um grupo, pois a experiência individual expressava uma visão particular que não permitia generalizações” (1998, p. 21). Pesquisadores que utilizaram a história oral neste período foram muito questionados, especialmente quando seus trabalhos tinham como objeto de estudo relações de classes dominantes ou elites políticas.

Todavia, a partir dos primeiros anos da década de 1990, ocorreu uma mudança nas perspectivas históricas trabalhadas nas graduações, que de uma história estruturalista partiu para a revalorização de análises qualitativas e das experiências individuais impulsionando a história cultural, uma nova postura em relação ao estudo político e à incorporação do estudo da contemporaneidade. Este contexto muito contribuiu para que a

história oral conquistasse mais espaço nos cursos de história, assim como a criação, em 29 de abril de 1994, da Associação Brasileira de História Oral, durante o II Encontro de História Oral, no Rio de Janeiro. Desde então, a associação tem promovido diversos encontros para a comunicação e apresentação de trabalhos e sua publicação através da revista “História Oral”.

Na região oeste de Santa Catarina o trabalho com a História Oral se tornou mais expressivo na atuação do CEOM que, através do programa Patrimônio – Escola – Comunidade, instituído em 1999, desenvolve pesquisas através de convênios firmados entre prefeituras e/ou instituições particulares e a Unochapecó, com o propósito de valorizar as memórias locais preservando, deste modo, um dos tantos bens que compõem o patrimônio cultural da região.

Um dos objetivos do CEOM, além das atividades e programas que ele mesmo desenvolve na ação de preservação e promoção da memória regional, é capacitar profissionais ligados a este ramo das ciências históricas que atuam tanto em sala de aula quanto na pesquisa institucional ou em casas de memória, arquivos e centros de documentação. Neste sentido, a Oficina de História Oral apresentou algumas questões técnicas a serem observadas quando na elaboração de um projeto que prevê o desenvolvimento de pesquisa com o uso da História Oral.

Destacam-se entre os cuidados neste processo as questões de ética em pesquisa, pois hoje é bastante presente a discussão acerca dos direitos autorais e de imagem. Os projetos que envolvem seres humanos têm passado sempre por avaliações realizadas por conselhos de ética, que autorizam ou não a realização de atividades que podem causar riscos à saúde ou constrangimentos pessoais aos indivíduos envolvidos.

Os conselhos de ética sempre exigem que os responsáveis pelos projetos elaborem Termos de Doação que expliquem os objetivos da pesquisa e que permitam aos entrevistados a possibilidade de retirar seu consentimento antes da publicação dos trabalhos sem que isso lhes cause ônus algum. É também de suma



importância que o termo contenha telefones para que os entrevistados entrem em contato com a entidade a qual o projeto está vinculado e com os pesquisadores e coordenadores do projeto. Se o entrevistado solicitar, podem ser feitas alterações no termo impondo restrições ou fazendo alguma correção que o mesmo considerar necessária.

Os Termos de Doação sempre devem estar em três vias com campos para preencher com o número da Carteira de Identidade e o número do Cadastro de Pessoa Física, bem como o endereço completo e o nome do entrevistado com letra legível e espaço para a assinatura do mesmo. Um dos termos pertence ao entrevistado, outro ao pesquisador e o terceiro deve ficar arquivado na instituição promotora da pesquisa. No caso do entrevistado ser analfabeto devem ser colocadas as impressões digitais no lugar da assinatura e ler para ele a transcrição da entrevista antes de registrar seu consentimento. Se o entrevistado falecer antes da assinatura do Termo de Doação, deve-se solicitar à família que autorize o uso por ele.

Antes de começar a entrevista, o entrevistador deve esclarecer quais são os objetivos da pesquisa, ler o termo de doação e esclarecer as dúvidas do entrevistado e, principalmente, explicar a importância da contribuição dele e sua relevância no projeto. Deixar claras as cláusulas de cessão de direitos e a possibilidade de retirar o consentimento a qualquer momento antes da publicação dos dados.

Dependendo do objetivo da pesquisa, pode ser interessante realizar mais de uma entrevista com o mesmo colaborador. Neste caso, recomenda-se que, na primeira entrevista, se deixe o colaborador falar de maneira mais livre possível. A partir da análise deste primeiro depoimento, elaborar um roteiro de perguntas que busca obter mais informações ou esclarecer dúvidas.

Elementos mais técnicos também devem ser observados, como a elaboração de roteiro de entrevista e os cuidados com o equipamento de gravação, caderno de campo, local da entrevista, roupas do entrevistador e o processamento das gravações com a transcrição.

No roteiro de entrevista, deve-se começar com a elaboração de uma identificação do entrevistado, local, data e hora em que está se processando a entrevista, identificação do(s) entrevistador(es) e para que projeto está sendo realizado. Exemplo:

Entrevista realizada com o senhor João da Silva em sua residência na Rua Tapajós, nº 1395, no município de Pirinópolis, estado de Goiás, no dia 25 de março de 2008 às 09 horas e 37 minutos, pelo entrevistador José Correia do projeto MEMÓRIA POPULAR, da Universidade (...).

As primeiras perguntas são sempre relacionadas à identificação do entrevistado e procuram levantar dados pessoais mais precisos sobre ele: 1 – O senhor poderia dizer o seu nome completo?; 2 – Qual a data do seu nascimento?; 3 – Onde o senhor nasceu? (filiação, escolaridade, profissão, cônjuge, filhos...)

Depois das perguntas de identificação iniciam-se as perguntas temáticas. Não se deve formular perguntas que induzam respostas. O roteiro deve conter perguntas simples, curtas e claras. Durante a entrevista é preferível não realizar intervenções, o importante na entrevista é aquilo que o entrevistado fala, as palavras devem vir dele. Todavia, alguns artifícios podem ser utilizados para estimular o entrevistado, tais como objetos ou fotografias que servirão como ativadores de memórias, pois, ao observá-los, as lembranças de situações relacionadas a eles fluem, conferindo mais naturalidade e maior riqueza de detalhes às narrativas.

O comportamento do entrevistador é muito importante. Conduzir a entrevista de maneira calma sem demonstrar impaciência ou ansiedade para desinibir o entrevistado, gerando um clima de informalidade, contribui muito para o desenvolvimento de um bom depoimento. Do mesmo modo é indicado demonstrar interesse pelas respostas do entrevistado e respeitar suas opiniões, emoções e períodos de silêncio, prestar atenção nos relatos do entrevistado e não perguntar sobre assuntos já relatados por ele, a menos que precise de esclarecimentos.

Embora o roteiro de entrevista seja muito importante, o entrevistador não precisa ater-se somente a ele, pode aproveitar para explorar novos assuntos, formulando novas perguntas e, tendo consciência de que nem sempre o entrevistado conta aquilo que desejamos ouvir, ele pode desviar para outro assunto que considere mais relevante. Entretanto, interrompê-lo pode inibi-lo. Recomenda-se explorar o campo que ele esteja interessado em contar para depois retomar o roteiro. Do mesmo modo, não há necessidade de segui-lo rigidamente, porque, em alguns casos o entrevistado pode falar espontaneamente de assuntos que não seguem necessariamente a ordem de perguntas estabelecida pelo entrevistador. Eventualmente a pessoa pode não querer falar sobre um assunto mais delicado ou constrangedor com o gravador ligado, mas há a possibilidade dele falar in off, ou seja, sem o registro do áudio ou escrito. Há também situações em que o entrevistado pode não autorizar o uso das informações, mas elas podem ser usadas de forma indireta, desatrelando essa informação do narrador, para contextualizar o tema trabalhado.

Assim como um texto, a entrevista também deve reservar espaço para as últimas considerações do entrevistado. Geralmente, nas entrevistas realizadas por pesquisadores do CEOM tem se procedido da seguinte forma: “- O senhor (a) gostaria de contar mais alguma coisa, um fato interessante que ocorreu em sua vida (ou na comunidade, bairro, cidade) sobre o qual não perguntei (perguntamos)?” E assim que ele acabar de se pronunciar é pertinente agradecer a entrevista enfatizando mais uma vez a importância da contribuição do entrevistado.

Com relação aos equipamentos de gravação e de fotografia o pesquisador deve conhecê-los com antecedência, testar seu funcionamento e prever as fontes de energia que eles utilizam. Se utilizar pilhas ou baterias é bom ter sempre este material em reserva. No caso do gravador ser do tipo analógico, ou seja, utilizar fitas K-7, use sempre fitas virgens e leve duas ou três por segurança. É recomendável, para quem nunca realizou este trabalho antes, ou no uso de um modelo novo de gravador, fazer um treino prévio para

não se intimidar com ele e não transmitir insegurança ao entrevistado. Outro equipamento importante é a máquina fotográfica. O registro da imagem do entrevistado e do local da entrevista pode dar uma dimensão mais ampla do contexto em que o trabalho foi realizado, bem como permitir a pessoas que dificilmente acessam este tipo de tecnologia, ter um registro de imagem mais recente. É importante levar caderno e caneta para realizar anotações como nome correto das pessoas e lugares.

Como a coleta de depoimentos através de entrevista depende de recursos tecnológicos como o gravador, o local de entrevista tem muita relevância, pois pode interferir na qualidade das respostas fornecidas pelo depoente, bem como da gravação. Uma entrevista realizada em locais onde há muitos ruídos pode perder sua utilidade se, durante a transcrição, não for possível distinguir as falas. Recomenda-se escolher um lugar de boa acústica, em que não haja grandes interferências de sons internos e externos, com mesa para pôr o gravador e com cadeiras confortáveis. Geralmente as pessoas se sentem mais à vontade na própria casa. Não convêm, para o bom andamento do trabalho, que outras pessoas estejam presentes durante a entrevista, pois pode haver interferências ou mesmo inibição do entrevistado em responder as questões. É comum também em casos em que duas pessoas estejam sendo entrevistadas, de responderem ao mesmo tempo e de maneira diferente, o que pode dificultar muito a transcrição das falas, sendo recomendado o trabalho com apenas um entrevistado.

Outro aspecto a ser observado pelo pesquisador são as próprias vestes. As roupas são um elemento que pode constranger quem está cedendo a entrevista. É importante que o entrevistador use roupas discretas, adequadas ao modo de vida dos entrevistados e, de preferência, evite o uso de adereços como brincos grandes, pulseiras, colares e maquiagem pesada. Isso intimida as pessoas, especialmente as mais humildes.

Após a realização da entrevista segue-se o processamento das gravações, o que se dá por meio das transcrições. A sugestão é

que isto se faça tão logo quanto for possível e pelo próprio entrevistador, pois, na transcrição, no caso de haver mais pessoas participando da entrevista, pode haver confusão de vozes e o entrevistador talvez não consiga distinguir se o trabalho for adiado por muito tempo. Esse procedimento também possibilita o reconhecimento de palavras que na gravação se tornaram difíceis de serem compreendidas, de períodos de pausas, silêncios, emoções (risos, suspiro, lágrimas), lembrando que também devem ser assinaladas interferências de sons externos (buzina, gritos, canto de galo...). Ainda neste sentido, destacamos que o uso de vírgulas e pontos pode atribuir significados diversos na interpretação do texto, merecendo especial cuidado e atenção.

Na transcrição também são observadas algumas regras, como utilizar a forma de diálogo para transcrever o texto, lembrando-se do uso de dois pontos e travessão para indicar as falas e as letras iniciais do entrevistador e do entrevistado para indicar a fala de um e de outro. Ao mudar o lado da fita deve ser assinalado na transcrição: fim do lado A, fim do lado B, fim da fita n<sup>o</sup> 1... No caso de haver trechos inaudíveis ou palavras difíceis de ser compreendidas, deve-se deixar espaços em branco para o posterior preenchimento.

Ao término desta etapa é importante conferir tantas vezes quantas forem necessárias o texto transcrito com a gravação e procurar compreender palavras que não foram escritas por ter difícil compreensão, observando o contexto da frase para, no caso de persistirem dúvidas quanto a trechos ou palavras, procurar o entrevistado para esclarecê-las.

Khoury (2008) sugere a elaboração de sumários para as entrevistas, como uma alternativa ao trabalho de transcrição.

Tem-se notado que Arquivos e Centros de Documentação e Memória recorrem cada vez menos a transcrições. Além de ser um tratamento muito lento e oneroso dos registros orais, sempre é melhor a escuta da própria fita. Tem-se privilegiado a elaboração de sumários de cada entrevista, a fim de se produzir uma informação rápida sobre seu conteúdo. (KHOURY, 2008, p.20)

A partir da sugestão da autora, verificamos que a elaboração dos sumários pode facilitar o trabalho dos pesquisadores tanto para localizar os assuntos nas gravações quanto nas transcrições. Nos casos em que a transcrição não for realizada, o sumário pode ser considerado como uma alternativa menos trabalhosa e que exige menos tempo. Na falta da transcrição integral da entrevista, ele permite ao pesquisador localizar o assunto de seu interesse e utilizá-lo da maneira mais adequada à sua pesquisa.

Em relação à utilização das falas transcritas, o pesquisador deve optar sobre a forma como vai apresentá-las em seu texto: a) Citação direta, mantendo a oralidade do entrevistado, procurando apresentar a transcrição da fala de maneira mais fiel possível ao registro gravado; b) Citação direta, adequando a fala às regras gramaticais, sem alterar o sentido do texto; c) Citação indireta, parafraseando o entrevistado.

Nos textos de pesquisa histórica, a apresentação de citações diretas e indiretas é uma prática comum, mas em relação ao tipo de citação direta, é importante que o autor deixe clara sua opção por corrigir ou manter as falas citadas. Uma questão que se discute em relação à esta escolha é que geralmente as pessoas falam de forma diferente da que escrevem. Então, quando se passa uma fala para a forma escrita, pode ser feita esta adequação da linguagem oral para a linguagem escrita, retirando vícios de linguagem e palavras repetidas, corrigindo pontuação e erros de pronúncia, entre outros. Discute-se que apresentar a fala do entrevistado mantendo uma linguagem oral fora das regras gramaticais pode demonstrar uma ideia de inferiorização do entrevistado e, por isso, alguns defendem a adequação das falas à gramática. Quando o autor optar por este procedimento, deve explicar sua opção na apresentação da pesquisa ou em nota de rodapé.

Em algumas pesquisas, a oralidade dos entrevistados torna-se também um elemento de interesse para a pesquisa, pois seu jeito de falar pode estar expressando sua relação com uma cultura específica, localizada no tempo e espaço por uma história própria. Entendendo

que uma linguagem diferente não significa inferioridade e não aceitando a ideia de uma hierarquização de culturas, pode-se optar por mostrar a fala dos entrevistados com todas as características de seu sotaque, esclarecendo a importância destas características para a pesquisa. Assim, apresentar uma linguagem diferente daquela difundida como correta, pode valorizar uma cultura e ser um importante registro, pois a linguagem, como a cultura, é dinâmica.

Realizar pesquisas históricas com fontes orais tem sido um desafio, cada entrevista é um momento único e especial, um momento de conhecer, nem sempre aquilo que se espera conhecer. Além disso, o mesmo fato pode ser narrado de muitas maneiras. Enfim, o trabalho com história oral é sempre inconcluso.

[...] É impossível exaurir a memória completa de um único informante, dados extraídos da cada entrevista são sempre o resultado de uma seleção produzida pelo relacionamento mútuo. Pesquisa histórica com fontes orais, por isso, sempre tem a natureza inconclusa de um trabalho em andamento [...] O inconcluso das fontes orais afeta todas as outras fontes. Dado que nenhuma pesquisa (concernente ao tempo histórico para o qual as memórias de vida são válidas) é completa, a menos que se tenha exaurido tanto as fontes orais quanto as escritas, e as primeiras são inesgotáveis, a meta ideal de ir através de 'todas' as fontes possíveis se torna impossível. O trabalho histórico que se utiliza de fontes orais é infundável, dada a natureza das fontes; o trabalho histórico que exclui fontes orais (quando válidas) é incompleto por definição. (PORTELLI, 1997a, p.36-37)

Finalizando, esperamos que o conteúdo apresentado possa contribuir para o trabalho dos pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Existem muitas outras questões teóricas e práticas que não foram abordadas e, com certeza, o trabalho com entrevistas trará muitos desafios aos pesquisadores.

## Notas

\* Mestre em Educação pela Faculdade de Educação/Unicamp. Técnico em pesquisa CEOM/Unochapecó.

\*\* Graduada em História – Licenciatura Plena, pela Unochapecó. Historiadora RPA CEOM/Unochapecó.

## Referências

FERREIRA, Marieta de Moraes. Desafios e dilemas da História Oral nos anos 90: o caso Brasil. In: **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, n. 1., São Paulo: Prol Editora, 1998.

GARRIDO, Joan del Alcàzar I. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. In: **Revista brasileira de história**, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, vol.13, n. 25/26, set.92/ago.93.

KHOURY, Yara Aun; FERNANDES, Simone Silva. **Como fazer projetos e organizar arquivos de História Oral**. Associação de Arquivistas de São Paulo, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe B; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: **Projeto História**, n. 14, Educ – Editora da PUC-SP, São Paulo, fev. 1997a.

\_\_\_\_\_. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Projeto História**, n.15, Educ – Editora da PUC-SP, 1997b.